

Os democratas americanos e os desafios da política externa

Publicação: [O Mundo em Português Nº 54](#)

Data de Publicação: Março 2004

Autor: Ian O. Lesser

Com a corrida das primárias democratas no seu auge, o Senador John Kerry surge como o mais forte candidato à Convenção democrata e às eleições presidenciais de Novembro. Se Kerry é a escolha dos democratas para enfrentar o Presidente Bush, ele e o seu partido terão que enfrentar alguns dilemas importantes em termos de política externa – com questões que podem diminuir ou mesmo impedir a possibilidade de derrota de George Bush. A política externa deverá ter um invulgar destaque nas eleições, a começar pelo Iraque e passando pelas exigências da «guerra global contra o terrorismo» e pelas novas preocupações relativamente ao comércio e à perda de empregos na América. Para os democratas, cada um destes temas será simultaneamente um desafio e uma oportunidade.

Primeiro, George Bush quererá certamente manter as questões de segurança nacional no centro do debate político. Quase três anos depois do 11 de Setembro, a administração ainda considera que é um «governo de guerra». A primeira prioridade de George Bush é garantir que não aconteçam mais ataques terroristas de dimensões catastróficos no território americano. Olhando para as eleições, os estrategas republicanos quererão manter a atenção da opinião pública centrada no contra-terrorismo e na defesa interna. Estas continuam a ser questões centrais em Washington, mas noutros pontos do país a atenção já se virou para outros temas, da economia às dúvidas sobre o Iraque.

Ao candidato democrata caberá a tarefa de fazer com que o debate passe das questões de segurança, definidas de forma demasiado estreita, para política externa, definida de forma mais abrangente. Por outras palavras, terá que promover uma visão da política externa americana que vá para além de uma «defesa interna alargada». Não se trata de desprezar o risco de terrorismo mas antes de tornar claro que a política externa e de defesa é muito mais que o controlo das fronteiras. O candidato democrata pode também aproveitar algum cepticismo público relativamente à escala e ao rumo do orçamento da defesa e dos custos da reconstrução do Iraque – mas terá que o fazer sem menosprezar

os riscos reais. A segurança nacional e a política de defesa podem ser o fantasma do Partido Republicano, mas se fossem estes, de facto, os temas mais salientes do debate político, o antigo general Wesley Clark teria muito provavelmente sido a escolha democrata – o que não aconteceu.

Segundo, os democratas terão de formular uma abordagem coerente em relação ao Iraque, tanto para a campanha eleitoral como, e mais importante, para a formulação da política pública. A administração Bush conseguiu fazer passar para a opinião pública a relação entre o Iraque e o 11 de Setembro. Os estrategas podem pensar que são duas questões independentes, mas na campanha eleitoral essa subtilidade pode perder-se. Os democratas têm que conseguir separar os dois temas, demonstrando que é possível levar a sério os riscos do terrorismo mesmo discordando da política seguida em relação ao Iraque. Aqui, os democratas terão a ajuda do debate sobre a intelligence anterior à guerra relativamente à existência de armas de destruição maciça no Iraque, se bem que sejam poucos os analistas de qualquer um dos partidos – ou de qualquer serviço de informações, seja ele americano ou de outro país – que tenham chegado a conclusões muito diferentes durante a década que precedeu a intervenção. O que os democratas podem certamente argumentar de forma convincente é que a abordagem da administração Bush afastou aliados importantes e complicou os planos para uma estratégia de retirada que pudesse contar com uma plena participação internacional. A actual presença não é certamente unilateral, mas começa a parecer um empenhamento sem fim à vista, com grandes custos materiais e humanos. Uma mudança de administração, e uma mudança no estilo da política externa, poderia proporcionar uma segunda oportunidade para acções lideradas pelas Nações Unidas ou mesmo pela NATO.

Terceiro, e provavelmente mais importante, a alternativa democrata deve salientar a necessidade de inverter a deterioração da percepção global sobre o poder e as políticas dos Estados Unidos. Muitas sondagens internacionais apontam para a existência de uma opinião muito negativa sobre os Estados Unidos, sobretudo no Médio Oriente mas também na Ásia, na América Latina e na Europa. A imagem internacional do país está de rastos, e o poder americano já não é visto como sendo necessariamente benigno, mesmo entre os aliados tradicionais. Até certo ponto, este problema pode ser estrutural e inevitável, um produto da hegemonia americana e dos ressentimentos que provoca. Mas a verdade é que os Estados Unidos já têm uma posição de primazia há algum tempo. Os democratas afirmarão que as acções e sobretudo o estilo da administração foram as verdadeiras causas para a existência de oposição e que muito se poderá ganhar se se optar por uma abordagem muito mais abertamente multilateral.

Por estranho que possa parecer, esta visão terá o apoio de alguns sectores mais ligados ao Partido Republicano, como os especialistas de política externa mais tradicionais, associados à primeira administração Bush, ou também em sectores da comunidade empresarial mais virados para o exterior – onde existe alguma preocupação de que o declínio da imagem dos Estados Unidos possa afectar a posição das empresas americanas nos mercados internacionais (“desgaste da marca americana”). É uma crítica muito americana, mas que pode diminuir o apoio à administração por parte de republicanos centristas.

Quarto, mesmo com uma performance económica relativamente boa nos últimos meses, existe um vasto sentimento de incerteza em relação à segurança económica do país. A criação de postos de trabalho segue a um ritmo muito lento e nalguns sectores chave, desde a indústria, preocupada com a mudança de produção para a China, aos trabalhadores dos sectores de informação e tecnologia, que receiam a migração de empregos para a Índia, são muito críticos em relação ao desempenho da administração.

De certa forma, o movimento anti-globalização, altamente crítico em relação ao que é frequentemente retratado como uma forma tipicamente americana de capitalismo internacional, chegou agora aos Estados Unidos, sob a forma de um crescente debate sobre o outsourcing e a deslocalização. Estes temores podem facilmente levar a uma nova onda de protecção nos serviços, apesar da desistência de Richard Gephardt, o candidato democrata com ideias mais claramente proteccionistas. O senador Kerry, em contraste, tenta uma terceira via relativamente ao comércio e à competitividade. Abordar a preocupação relativamente a estas questões sem cair num discurso proteccionista será um difícil desafio para a campanha, e para a nova administração, independentemente do partido.

Finalmente, os democratas terão a hipótese de reverter – ou reforçar – uma característica muito presente na política externa americana: a passagem de relações tradicionais regionais para uma série de imperativos funcionais, ditados sobretudo por razões de segurança. Esta mudança é anterior à administração Bush, mas cresceu enormemente nos últimos anos. É uma abordagem na qual os parceiros internacionais são julgados pela sua contribuição para objectivos políticos específicos e são envolvidos ou ignorados de acordo com as suas respostas. A luta antiterrorista é o principal exemplo, mas pode ver-se este tipo de actuação noutras áreas, incluindo o comércio. É uma estratégia desenhada para responder a problemas práticos e específicos, e que presta menos atenção ao desenvolvimento de parcerias políticas de longo prazo. É mais táctica do que estratégica, pouco exigente em termos de soberania, e leva a uma

percepção de imprevisibilidade e falta de reciprocidade na política americana. Restaurar a coerência e o empenho nos compromissos regionais da América pode ser o mais difícil de todos os desafios, com enormes implicações para os parceiros que anseiam por uma relação com Washington mais vasta e mais previsível.